



## A Criatividade e a Constituição do si-mesmo em Winnicott

Raphaella de Jesus Correia<sup>1</sup>  
Daniel França Stanchi<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo introduz uma concepção da Psicanálise de Donald Winnicott (1896-1971) acerca do *viver criativo* e seus desdobramentos na pessoa humana. Essa discussão compreende como a *criatividade*, apresentada por Winnicott, é fundamental no processo de constituição do *si-mesmo* e de como a presença de uma outra pessoa é fundamental para que a *criatividade* possa emergir no ser humano. E como o ambiente externo pode afetar a dimensão criativa do ser humano e sua capacidade de sentir que a vida vale a pena a ser vivida.

**Palavras-chave:** psicanálise; criatividade; ruptura; cuidado; Winnicott;

### Creativity and the Constitution of the Self in Winnicott

**Abstract:** The present article introduces a psychoanalytic conception by Donald Winnicott (1896–1971) regarding *creative living* and its implications for the human person. The discussion explores how *creativity*, as presented by Winnicott, is fundamental to the constitution of the *self*, and how the presence of another person is essential for *creativity* to emerge in the human being. It also examines how the external environment can impact the individual's creative dimension and their capacity to feel that life is worth living.

**Keywords:** psychoanalysis; creativity; rupture; care; Winnicott;

### La creatividad y la constitución del sí-mismo en Winnicott

**Resumen:** El presente artículo introduce una concepción del psicoanálisis de Donald Winnicott (1896-1971) sobre el vivir creativo y sus implicaciones en la persona humana. Esta discusión comprende cómo la creatividad, tal como fue presentada por Winnicott, es fundamental en el proceso de constitución del si-mismo y cómo la presencia de otra persona es esencial para que la creatividad pueda emerger en el ser humano. Asimismo, se aborda cómo el entorno externo puede afectar la dimensión creativa del ser humano y su capacidad de sentir que la vida vale la pena ser vivida.

**Palabras clave:** psicoanálisis; creatividad; ruptura; cuidado; Winnicott.

## 1 Introdução

A criatividade, no mundo contemporâneo, pode ser compreendida de diversas maneiras. No senso comum, tende-se a associá-la à capacidade de criar algo, como uma pintura, uma fotografia, uma música, entre outras expressões artísticas. No entanto, para Donald W. Winnicott (1896-1971), pediatra e psicanalista inglês, a criatividade ultrapassa a ideia de produção e se apresenta como um modo de viver, de acontecer no mundo humano, possibilidade de ter gesto pessoal com sentidos. Winnicott (2021, p. 44) assinala que: “a

<sup>1</sup> Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário das Américas (FAM). E-mail: [raphazcorreia@gmail.com](mailto:raphazcorreia@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: [daniel.stanchi@gmail.com](mailto:daniel.stanchi@gmail.com)

*criatividade é, portanto, a manutenção ao longo da vida de algo que pertence à experiência do bebê: a capacidade de criar o mundo”.*

Segundo essa perspectiva, é possível começar a existir verdadeiramente se, no início da vida, houver um outro *suficientemente bom* que acolha e possibilite o surgimento de um viver criativo. No estágio inicial do amadurecimento, o bebê experimenta o que Winnicott denominou *criatividade primária*, que se manifesta na experiência de *ilusão* de criar aquilo que, na realidade, lhe é oferecido pelo ambiente. Por exemplo, a experiência de fome que coincide com a oferta do seio da mãe, é vivida como se o bebê tivesse criado o objeto que satisfaz sua necessidade, abrindo um sentido subjetivo de realidade. Segundo Pires (2010, p. 12) “*A criatividade primária é um potencial inato do ser humano. Winnicott acredita que sejamos dotados de uma capacidade criativa própria de nossa natureza*”. Assim, a criatividade configura-se como expressão e possibilidade de sentir-se vivo e de que a vida vale a pena ser vivida.

A criatividade, conforme apresentada por Winnicott (2019, p. 113), diz respeito à maneira como o ser humano se relaciona com a realidade e expressa seu gesto espontâneo no mundo com os outros. Nesse sentido, a criatividade é aquilo que confere sentido à existência. Quando o indivíduo não encontra amparo e confiabilidade no ambiente, enfrenta dificuldades que comprometem seu vir-a-ser – ou seja, sua capacidade de se reconhecer ser humano, como alguém que pode dizer: “eu sou”. Assim, falhas ambientais na infância, ou mesmo ao longo da vida, podem interferir na constituição do indivíduo, na experiência de se reconhecer enquanto pessoa no mundo, gerando uma ruptura que pode impedir o florescimento de uma vida criativa.

Há pessoas que nunca receberam cuidado de um outro e, encontram-se perdidas existencialmente, vivenciando sensações e/ou sentimentos de não se sentirem pessoas, de não reconhecerem o próprio corpo como expressão de si. Nesses casos, a presença de uma outra pessoa é fundamental para a continuidade do existir humano.

Há também aqueles que, em algum momento, experienciaram o cuidado e puderam encontrar o gesto criativo. No entanto, por diferentes motivos – como a ausência de um cuidador ou vivências marcadas por formas de violência – podem ter sofrido uma ruptura na continuidade de seu ser. Situações assim podem impedir o gesto espontâneo, rompendo a vida criativa e gerando um profundo sentimento de desesperança.

Ao considerarmos que um bebê teve a oportunidade de viver a experiência criativa por meio de uma mãe suficientemente boa, que ofereceu os cuidados necessários, é possível pensar nesse bebê, agora adulto, sendo afetado por experiências de violência social que

comprometem seu modo de viver criativamente, provocando um rompimento com o processo criativo. Nesse contexto, Winnicott (2019) afirma que esses indivíduos são os que mais sofrem, pois dificilmente conseguem recuperar o sentimento de esperança. Para o autor, a esperança é essencial à experiência humana, pois está vinculada diretamente à criatividade. Diante disso, surgem questões fundamentais: como cuidar para que as possibilidades de uma vida criativa não sejam destruídas pelos profundos descuidos do ambiente externo? Como preservar a esperança em um mundo de constantes ameaças à singularidade do ser humano?

Estas questões são norteadoras deste estudo, cuja intenção é estabelecer um diálogo com a obra de Winnicott para pensar o ser humano em sua totalidade – não apenas a partir do cuidado materno na fase inicial do amadurecimento, mas ao longo de toda a vida, considerando que o ser humano é constantemente afetado, não só pelas condições no processo de maternagem, mas também pelas ações e omissões da sociedade em que está inserido.

A partir dessa perspectiva, compreende-se que a criatividade é inerente ao ser humano, constituindo-se na relação com o outro e com a cultura ao longo de toda a existência humana, tornando-se imprescindível, desde o início da vida e ao longo dela, um ambiente que ofereça acolhimento, cuidado e abertura para o ser e o criar.

## **2 Método**

Este estudo é de natureza exploratória, com abordagem qualitativa, que tem como objetivo analisar a teoria psicanalítica de Winnicott sobre o viver criativo. O artigo se propõe a explorar a noção de criatividade enquanto formação da continuidade de ser, bem como a ausência de um viver criativo pode se desdobrar em sofrimento psíquico. Para isso, foi realizada uma análise detalhada de conceitos winnicottianos que contribuem para a compreensão da narrativa apresentada, possibilitando discussões entre esses conceitos e sua correlação com a realidade.

Trata-se de uma pesquisa de cunho teórico-reflexivo, que, embora não se proponha a uma intervenção direta, busca oferecer subsídios conceituais que possam auxiliar em futuras práticas clínicas ou estudos aplicados. Constrói-se uma análise acerca das experiências discutidas através do conceito de criatividade em Winnicott como questão central para se pensar o ser humano e o seu sentimento de existir no mundo. Neste sentido, o diálogo com os casos clínicos de Winnicott presentes nos livros *The Piggie* (1977/1987) e  *Holding e Interpretação* (1991/2010) foram fundamentais neste percurso a fim de adentrar mais profundamente como a questão do gesto criativo era manejado por ele na situação clínica. O

estudo dessas obras possibilitou-nos compreender o entrelaçamento entre as concepções antropológicas e clínicas desenvolvidas por Winnicott e suas intervenções na situação clínica com os pacientes.

O estudo se apoia em uma revisão bibliográfica de obras primordiais do autor que abordam a temática da criatividade, tais como o livro *O Brincar e a Realidade* (1971/2019), considerada a principal obra como base para o desenvolvimento desta pesquisa. Esta obra pode ser considerada como o “testamento teórico” de Winnicott, publicada em 1971, ano em que o autor inglês morreu, sintetiza e aprofunda suas contribuições mais fecundas.

Seguido de textos como *Tudo começa em casa* (1986/2021) em que Winnicott se desdobra no segundo capítulo “*Vivendo criativamente*” sobre a criatividade como um modo de vida. Outros textos que foram utilizados como: *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (1979/1983), *Os objetivos do tratamento psicanalítico* (1962/1994).

A análise foi construída por meio de uma leitura crítica e interpretativa dos textos, buscando identificar os principais núcleos conceituais sobre o viver criativo e sua relação com o sofrimento psíquico. Foram mobilizadas contribuições de comentadores da obra winnicottiana: as obras de Gilberto Safra, Thomas Ogden, entre outros.

Como comentador central da criatividade em Winnicott, foi utilizado a dissertação de mestrado do Felipe Pires (2010), “Criatividade no processo amadurecimento em Winnicott”, que discorre sobre todo processo da criatividade. Alguns dos estudiosos de Winnicott como Gilberto Safra com o artigo “A Clínica em Winnicott” (1999) e a Zeljko Loparic com o texto “Winnicott Clínico” (2010) e o texto sobre os “Apontamentos sobre angústias impensáveis” (2011) de Eder Santos.

## **2 Forma de análise dos resultados e discussões**

Donald Winnicott (1896-1971) criou uma concepção psicanalítica a partir de um aprofundamento da tradição freudiana. Sua teoria teve influência de Freud e Melanie Klein, no entanto, o psicanalista inglês coloca em evidência a relação entre mãe e o bebê, que em seu pensamento é condição fundante para a emergência do psiquismo, tal ideia iniciada por Freud (1895)<sup>3</sup>. Se o bebê encontra um ambiente que seja capaz de dar suporte, ele encontra a

---

<sup>3</sup> A ideia da relação afetiva como condição fundante do psiquismo iniciada por Freud no texto “Projeto para uma psicologia científica”, foi discutida por Monique Schneider em seu texto (1994) “Afeto e linguagem nos primeiros escritos de Freud”.

possibilidade de nascer para o mundo. Inicialmente, esse suporte existe na medida em que há um outro ser humano física e afetivamente presente e disponível para cuidar.

Winnicott (1983) foi o autor que reconheceu a importância da experiência de dependência absoluta, na qual o bebê encontra as condições necessárias para se constituir. Assim, o bebê tem um potencial de amadurecimento e o psiquismo é entendido como fruto de uma sustentação, de ser cuidado, visto e encontrado por um outro ser humano. Deste modo, a figura materna ou cuidador tem um papel fundamental na vida do bebê, por ser quem oferece a experiência do cuidado. Por esta razão, fala-se da *mãe suficientemente boa*, não uma mãe perfeita, mas aquela que, mesmo com falhas, está disponível para oferecer ao bebê sustentação, chamado por Winnicott de *holding*. Ou seja, o *holding* é um conjunto de cuidados maternos, que se refere à provisão do ambiente como amparo para o bebê, um ambiente que consiga sustentar as necessidades físicas, psicológicas e a continuidade do ser.

Além disso, Winnicott apresenta o *handling* (manejo), que se refere ao manuseio do corpo do bebê ao ser cuidado. Por meio do contato pele a pele, dos abraços e dos cuidados físicos, o toque materno proporciona uma base para a constituição da vida psíquica, o que funda as bases para a experiência de ser do bebê.

O *handling*, termo que por vezes é traduzido como manejo, possibilita, assim, a formação do contorno do corpo do bebê, capaz de harmonizar a vida psíquica com o próprio corpo. Do contrário, sem o toque materno, pode-se dizer que o bebê vive a experiência de não sentir seu corpo como parte de si. No entanto, se a mãe tem recursos, ela é capaz de oferecer ao bebê as condições para que essa experiência possa acontecer ao longo do tempo e sensivelmente, no encontro entre o corpo do bebê e o corpo materno. Com isso, o cuidador concede colo, cuidado e o sustenta para que ele possa existir enquanto ser criativo. Esses processos são fundamentais para o gesto criativo do ser humano, por meio do qual o indivíduo pode expressar o “eu sou”.

Mas, antes de abordarmos a questão do gesto criativo, é importante mencionar a noção de *mãe suficientemente boa*. Não se trata de uma mãe dotada de habilidades ou capacidades intelectuais, mas de uma mãe devotada, sensivelmente atenta às necessidades da criança. Na experiência da *preocupação materna primária*, ocorre uma identificação profunda da mãe com o bebê, de modo que ela se torna capaz de responder a ele a partir de um estado de entrega que contempla suas necessidades físicas e emocionais – condição denominada pelo autor de devoção materna.

Essa experiência de devoção é um acontecimento espontâneo, e não algo forçado, que emerge ao final da gravidez, quando a mulher saudável experimenta um estado de

sensibilidade tão profundo que se torna capaz de perceber e se identificar com as necessidades do bebê. Esse processo de sensibilização da mãe em relação ao bebê só ocorre, por sua vez, quando ela possui boas lembranças de um dia ter sido cuidada. Assim, nessa perspectiva, a mãe vivencia um estado de regressão emocional ao se recordar inconscientemente dessa experiência, o que lhe proporciona recursos para cuidar do bebê, devido à identificação entre ambos.

Neste período de dependência absoluta, o bebê encontra-se em um estado de não-integração, pois ainda não reconhece o mundo externo e sua mãe como algo distinto de si. Seu *si-mesmo*, portanto, ainda não está constituído, sendo necessário um outro para que esse processo se inicie. Nesse contexto, torna-se fundamental que a mãe ofereça ao bebê a chamada *onipotência primária* que é a ilusão de que ele criou o mundo e a própria mãe. “Pode-se dizer que somente a partir da não-existência é que a existência pode começar” (Winnicott, 1994, p. 76).

Esse ambiente suficientemente bom, sustentado por experiências como a onipotência primária, prepara o bebê para entrar gradualmente em contato com a realidade externa. Por isso, é por meio desses recursos oferecidos pela mãe, especialmente no processo de desilusão, momento em que o bebê entra em contato com objetos do mundo externo mediados por ela, que se torna possível a integração, permitindo ao bebê reconhecer-se como um ser separado.

Aliado a estes processos de sustentação e manejo, a *mãe suficientemente boa* concede ao bebê a experiência de onipotência primária, ou seja, a ilusão de que ele criou o mundo, a si mesmo e a própria mãe. Durante esse período, ele experiencia a mãe como uma parte dele, por isso, ela exerce um papel essencial ao apresentar o mundo externo no momento em que ele manifesta a necessidade de contato. Nesse estágio, os objetos externos parecem estar sob seu controle mágico, o que lhe dá a oportunidade de criá-los conforme suas demandas. É nesse contexto que se desenvolve o gesto criativo.

Por exemplo, quando a mãe coloca o seio para alimentá-lo, o bebê vive a experiência de criar o seio justamente no momento em que está pronto para fazer isso. Winnicott (2019) afirma:

Não é possível dizer que, a princípio, o bebê sabe o que deve ser criado. Nesse momento, a mãe se apresenta. Normalmente, ela oferece o seio e sua ânsia potencial em alimentar. A adaptação da mãe às necessidades do bebê, quando é suficientemente boa, dá a ele a ilusão de que existe uma realidade externa que coincide com sua própria capacidade criadora (Winnicott, 2019, p. 31).

O bebê precisa ter a ilusão de criar o mundo para que possa existir e tornar o mundo pessoal. No entanto, a mãe deve oferecer, de maneira gradual, a *desilusão* ao bebê, garantindo que esse processo não perturbe a continuidade do seu ser. Através dessa desilusão, o bebê descobre criativamente que a mãe e o mundo já existiam antes dele, permitindo se reconhecer como um ser separado da própria mãe.

Se tudo ocorrer bem, o bebê reconhece a *si-mesmo* e ao outro como pessoas inteiras, passando a desenvolver o sentimento de responsabilidade pelo outro. Ele se percebe como alguém existindo no mundo, uma vez que houve o reconhecimento de uma outra pessoa. A desilusão acontece através das possibilidades da mãe em tornar real o objeto para o bebê, sendo assim, a mãe vai apresentando aos poucos os objetos externos à criança, proporcionando-lhe a experiência do controle mágico, ou seja, a base do processo de criação.

Nesse sentido, para Winnicott (2019), o brincar nasce quando a mãe consegue oferecer à criança um estado de confiança, no qual o bebê começa a desfrutar das experiências de onipotência primária, que são processos intrapsíquicos, onde a mãe apresenta o objeto ao bebê no momento em que ele precisa, oferecendo a ilusão de que ele próprio o criou. Nessa perspectiva, o bebê exerce o controle mágico de criar o objeto e realizar o gesto de influir sobre o real. Ao apresentar ao bebê os objetos do mundo externo para que ele possa criá-los, a mãe também possibilita que ele controle a realidade. Dessa forma, a mãe participa do jogo do bebê, proporcionando confiança e a experiências criativas. Mesmo quando o cuidador não está diretamente envolvido do jogo, é importante que a criança saiba que há alguém por perto, capaz de oferecer esse espaço potencial.

Partindo dessa base originária do brincar na relação mãe-bebê, Winnicott amplia o conceito e o compreende como uma experiência viva que ultrapassa o *setting* terapêutico, enquanto análise. O brincar não se restringe às crianças, mas também faz parte da vida adulta, já que se refere à base do viver por meio de um espaço-tempo e do sentir-se vivo, “*sendo no brincar que tanto a criança como o adulto têm a liberdade para serem criativos*” (Winnicott, 2019, p. 91). Ademais, a criatividade se caracteriza como parte da vida e do viver total. Segundo Winnicott (2019, p. 92), “*é no brincar, e apenas no brincar, que a criança ou o adulto conseguem ser criativos e utilizar toda a sua personalidade, e somente sendo criativo o indivíduo pode descobrir o self*”.

O autor esclarece que há uma diferença significativa entre a criação no senso comum, como a produção de uma obra de arte, e a criatividade ao qual ele se refere, que está relacionada ao viver. Trata-se da forma como o indivíduo se relaciona com a realidade externa. Em síntese, com base no que foi discutido até aqui, essa criação faz parte do processo

pelo qual o ser humano se sente vivo, constituindo a base para o amadurecimento de um *self verdadeiro*. Esse self expressa o reconhecimento de estar vivo e de estar consciente da própria existência, bem como o sentimento de que a vida vale a pena ser vivida. Essa condição só pode ser vivida se há um ambiente suficientemente bom que ofereça ao bebê a confiança por meio da sustentação. Logo, a mãe permite e abre espaço para que a criança tenha o gesto espontâneo de criar e, com isso, vivencie experiências no brincar, já que essas experiências refletem a presença de um ambiente confiável que favoreceu o desenvolvimento dessa capacidade criativa.

Reconhecendo a importância da presença de um outro que possa sustentar e acolher a chegada de um bebê ao mundo, pode-se dizer que essas crianças foram cuidadas e amadas por uma mãe suficientemente boa, assim, estão vivenciando a experiência da continuidade do ser. Por consequência, a existência desse bebê é humanizada por meio do gesto materno que oferece o *holding* (sustentação), proporcionando a ele reconhecimento e a sensação de ser visto e cuidado por alguém. Dessa maneira, a criança que recebe esses cuidados tem a possibilidade de sentir-se viva, pois experimentou a presença de um outro que, além de apresentá-lo ao mundo, foi capaz de não invadir e não roubar seu gesto. Esse gesto espontâneo, que se manifesta no brincar, permite ao bebê tornar o mundo algo pessoal, vivido como continuação de si.

O brincar é uma experiência através da qual a pessoa encontra a liberdade para expressar o seu gesto criativo. Por conseguinte, ela acessa recursos para desenvolver a constituição do seu *self verdadeiro*, uma vez que lhe foram concedidas entrega e devoção às suas necessidades desde o início da vida. Dessa forma, o bebê encontra um espaço onde pode expressar seu gesto espontaneamente, em direção ao seu self (si-mesmo). É por meio do gesto criativo que tanto a criança quanto o adulto conseguem expressar aquilo que se é, e revelar aspectos do seu viver. “*Nessas condições altamente especializadas, o indivíduo consegue se formar e existir como unidade, e não como uma defesa contra a ansiedade, mas como uma expressão do EU SOU, eu estou vivo, eu sou eu mesmo*” (Winnicott, 2019, p. 96). Desde então, a vida passa a ter sentido.

O self, nesse contexto, refere-se como o “eu sou”, que se expressa no gesto criativo por meio do brincar. Não há possibilidade de vir-a-ser se o bebê não tiver encontrado um ambiente facilitador que apresentasse a onipotência a ele. Sem isso, ele não brincaria e não desenvolveria o gesto criativo. O vir-a-ser diz respeito ao sentir-se vivo, sentir-se reconhecido e humanizado por um outro. Isso significa que esse indivíduo foi olhado por alguém e, a partir desse olhar, tornou-se possível que ele se reconhecesse como uma pessoa separada do mundo

que criou durante o período de ilusão. Além disso, foi o toque recebido que possibilitou o reconhecimento de seu próprio corpo.

Ademais, houve alguém capaz de sustentar a sua continuidade no mundo. Esse indivíduo, por meio da dedicação de um ao outro, teve sua existência humanizada e reconhecida. Desse modo, pôde reconhecer o sentido de sua vida e sentir que vale a pena ser vivida. *“Com Winnicott, é possível afirmarmos que nada no ser humano se constitui sem a presença do outro. Tudo o que emerge num indivíduo que não possa ser constituído em presença de outro, é um abismo no self, é agonia impensável”* (Safra, 1999)

Em contrapartida, há pessoas que não vivenciaram a experiência de confiança provida pelo ambiente, o que as leva a duvidar do valor da vida e as torna incapazes de viver criativamente. Ainda que alguns indivíduos levem uma vida marcada pela ausência da criatividade, não se pode afirmar que a criatividade seja completamente destruída. Entretanto, Winnicott (2019) chama atenção para aqueles que cresceram em contextos opressores que reprime o gesto criativo, como lares dominadores, campos de concentração ou viveram sob regimes políticos autoritários. Nesses casos, observa-se que são poucas as vítimas que conseguem manter-se criativas. Segundo o psicanalista, essas pessoas são as que mais sofrem, visto que perderam a capacidade de ver o mundo criativamente, de se sentirem vivos, a ponto de abandonarem a esperança. Trata-se de um fenômeno que ocorre mesmo após o crescimento pessoal do indivíduo: a criatividade é destruída em razão de um ambiente que reprimiu o processo criativo.

Há um processo de ruptura da continuação do ser, devido aos traumas vivenciados, que Winnicott chama de angústias impensáveis. Segundo Santos (2011), as angústias impensáveis surgem quando, nos estágios iniciais do processo maturacional, a criança vivencia traumas como quebra da continuidade de existir. Esse rompimento ocorre pela ausência de uma presença sustentadora. Muitas crianças nascem sem serem recebidas por alguém que possa sustentar a sua existência, o que as leva, desde cedo, a experienciar formas de abandono, ausência ou invasão materna. Ao chegar ao mundo, o bebê encontra-se desamparado; a ausência da mãe o lança em uma solidão precoce, marcada pela impossibilidade de encontrá-la. Sendo assim, ele vivencia uma ruptura de sua existência em um momento no qual ainda não possui recursos para lidar com tal experiência.

Há também crianças que crescem sob o cuidado de mães invasivas, que impõem ao bebê suas próprias necessidades. Como resultado, o bebê torna-se responsável pelo cuidado da mãe, como se tivesse vindo ao mundo com a missão de cuidar dela. Nesse cenário, em que o indivíduo vivencia a solidão de um não cuidado e a sobrecarga precoce, as falhas ambientais

comprometem diretamente a possibilidade de existir. Tal contexto favorece uma dissociação do self, levando ao desenvolvimento de defesas como o *falso self*, que encapsula o self verdadeiro e interrompe a experiência do vir-a-ser.

As agonias impensáveis são, assim, angústias psicóticas que dizem respeito ao ser: a ameaça não é, como na angústia da castração, a perda da onipotência narcísica, mas o aniquilamento do ser – a morte psíquica – já que o bebê interrompe sua experiência de ser quando reage às falhas do ambiente (Lejarraga, 2008).

No aspecto clínico, não cabe ao analista trabalhar com o “EU SOU” do paciente, visto que a personalidade ainda não se constituiu devido às rupturas vividas no ambiente. Trata-se, nesse caso, de promover uma regressão à dependência, oferecendo ao paciente aquilo que não houve em seu desenvolvimento inicial, possibilitando, assim, a constituição de um self verdadeiro.

O indivíduo necessita encontrar um ambiente facilitador para que seu self verdadeiro possa emergir e se expressar espontaneamente em relação ao mundo. A criatividade, e conseqüentemente o self verdadeiro são elementos fundamentais para que o ser humano possa se relacionar e comunicar, pois constituem aspectos essenciais de sua existência. Como aborda Loparic (2010) no trecho abaixo:

mas o seu verdadeiro si-mesmo, o seu ir espontaneamente ao encontro de algo. Esse é o elemento estrutural da natureza humana em virtude do qual o ser humano começa e continua a comunicar-se e relacionar-se, mas que só deixa de ser meramente potencial e torna-se base real do seu existir (ter experiências, juntar o presente com o passado e o futuro, vir a integrar-se num EU SOU etc.) num ambiente facilitador (Loparic, 2010).

Em suma, a concepção desenvolvida por Winnicott destaca a importância de uma relação baseada na troca afetiva e na abertura para possibilidades. Desse ponto de vista, compreendem-se as relações como vivas e singulares, constituídas por gestos criativos e experiências afetivas.

Quando tudo ocorre bem, o bebê – que nasce em estado de desamparo – encontra amparo e cuidado, possibilitando a continuidade do ser, em virtude de uma mãe suficientemente boa durante o período inicial do processo maturacional. Em contrapartida, caso a criança venha ao mundo sem encontrar alguém que sustente sua continuação em existir, ela será lançada nas angústias impensáveis e na impossibilidade de ser. Como consequência, não encontrará espaço para o surgimento de seu gesto criativo.

Nesse sentido, do ponto de vista clínico, embora a técnica e o saber intelectual sejam relevantes, eles não se sustentam por si só. É indispensável a disponibilidade para acolher o outro. Assim, a relação clínica também emerge da espontaneidade, do gesto que nasce como fruto de ser amado e encontrado por alguém.

Serão apresentadas algumas hipóteses clínicas a respeito de casos em que a criatividade do indivíduo não se constituiu ou foi rompida, muitas vezes em decorrência de um gesto invasivo por parte do ambiente externo. Tais situações revelam o impacto dessas falhas ambientais sobre a capacidade de viver criativamente. Esse gesto, como já discutido, é cultivado nas experiências iniciais com uma mãe suficientemente boa, onde se dá a possibilidade de brincar e de encontrar o self verdadeiro.

Apresentamos a clínica *Ser e fazer*, criada na Universidade de São Paulo a partir do pensamento e construção teórica de Winnicott. Sua finalidade é desenvolver uma “ideia winnicottiana de *ser um psicanalista que faz outra coisa mais apropriada à situação atual*” (Aiello-Vaisberg, 2003, grifo do autor). É um estilo clínico que considera todas as experiências humanas. Mesmo aquelas que possam parecer incompreensíveis, estranhas ou ética e moralmente inaceitáveis são compreendidas como parte do acontecer humano e, portanto, dotadas de sentido. O estilo clínico Ser e fazer fundamenta-se no conceito de *holding* elaborado por Winnicott. Nesse contexto, não cabe aos terapeutas conduzir o paciente ao autoconhecimento como fim terapêutico, mas acolhê-lo da maneira mais apropriada à sua situação e história de vida.

Na possibilidade de o paciente vir a se sentir vivo e real como ser humano, na medida em que não humilhado, não objetivado, não animalizado, não desumanizado, não despersonalizado. A partir daí pode se dar, como temos tido oportunidade de apreciar muitas vezes, uma retomada da própria capacidade criadora... (Aiello-Vaisberg, 2017).

Para ilustrar, eles apresentam um caso de uma moça que se recusava durante a terapia trabalhar com argila e sempre preferia levar a sua agulha e lã. Essa preferência foi acolhida pelos terapeutas, mas, por um bom tempo não compreendiam o motivo da recusa. Nesse tempo a paciente narrava episódios de sua história, e chamou atenção dos terapeutas quando ela dizia que em sua infância nunca pôde ter aspirações e desejos, pois, sua mãe sempre dizia frases como “*Isso não é para o seu bico!*” (Aiello-Vaisberg, 2017). Desse modo, esses relatos foram compreendidos e acolhidos pelos terapeutas como expressão de um ato de humilhação, internalizado ao longo da vida da paciente. Essa experiência gerou nela uma sensação de inferioridade e a percepção de que não fazia jus aos mesmos direitos que os demais. Por esse

motivo, recusou-se a usar a argila, por considerá-la um material mais sofisticado do que aqueles que estava habituada, como a agulha e a lã.

Através desse exemplo clínico, é possível dialogar com o gesto criativo descrito por Winnicott, como enfatizado na clínica *Ser e Fazer*. Esta se baseia no conceito de *holding* apresentado por Winnicott, e, a partir dessa intervenção, o objetivo é sustentar, quando necessário, o nascimento do gesto criativo do paciente ou, quando for o caso, resgatar o gesto que foi perdido em algum momento de seu desenvolvimento. Em Winnicott, o viver é definido como a experiência em que a pessoa sente que sua vida vale a pena ser vivida, caracterizando-se um viver criativo, segundo Winnicott (1999). Para viver de maneira criativa, o indivíduo precisa existir e se reconhecer como “eu sou”. Desse modo, entende-se a criatividade como emergência do *Ser*, um fazer que anuncia que aquele *ser é e está vivo*.

### **3 Considerações Finais**

O estudo da criatividade em Winnicott possibilitou pensar o sofrimento humano como consequência da ausência de um outro. A criatividade, entendida como expressão do sentir-se vivo, mostra-se profundamente articulada às demandas clínicas em que o paciente relata uma vida empobrecida de sentido. Assim, a concepção de criatividade e de continuidade do ser revelaram-se fundamentais nas discussões teóricas e clínicas para que possamos compreender o sofrimento decorrente de uma experiência de cuidado e afeto que não aconteceu, ou que foi interrompida pela ausência de alguém.

Este estudo também buscou aprofundar a perspectiva com que Winnicott compreendia o ser humano a partir de sua prática como pediatra e psicanalista. Foi possível constatar que a criatividade ocupa um lugar central em sua obra, como um elemento estruturante da existência. Em sua concepção psicanalítica, o ser humano é compreendido como um ser criativo, que precisa criar o mundo criativamente, a fim de que a realidade possa ter um sentido pessoal no mundo humano com os outros. Partindo da ideia de que o bebê começa a existir a partir do encontro com alguém que lhe ofereça a possibilidade de criar gestos criativos, investigamos o ser humano para além do período de dependência absoluta, considerando os efeitos da presença ou ausência do cuidado diante das violências sociais que podem romper com o gesto criativo já constituído.

Compreender o ser humano como ser criativo tem desdobramentos clínicos, sociais e políticos importantes, na medida em que a experiência criativa acompanha o ser humano ao longo de sua existência, que acontece no mundo com os outros, em um ambiente cultural.

Pensar o ser humano e a clínica a partir da criatividade implica em compreender cada ser humano como um processo contínuo de constituição de si e de sentidos existenciais no mundo humano e significa estarmos atentos às condições e ações que podem impedir o acontecer criativo de alguém ou até mesmo de um grupo humano.

Embora Winnicott seja amplamente reconhecido por seus estudos sobre a infância e a relação mãe-bebê, este trabalho busca contribuir para ampliar a compreensão de sua teoria, evidenciando sua abrangência para além da infância. Sua obra contempla o ser humano em sua totalidade, com um ser em contínuo devir, incluindo dimensões ontológicas e aspectos fundamentais da constituição do *si-mesmo*. Também foi possível refletir sobre as rupturas do gesto criativo diante das experiências autoritárias do nosso mundo contemporâneo, que ameaçam a espontaneidade e possibilidades de ser.

Tais experiências autoritárias — como a vulnerabilidade social, racismo, misoginia, homofobia, xenofobia, entre outras formas de violência — comprometem a singularidade e o sentimento de que a vida vale a pena ser vivida, resultando em profundo adoecimento, compreendido como interrupção e empobrecimento no processo de amadurecimento. Assim, esta pesquisa buscou articular a dimensão ontológica da obra de Winnicott com sua visão dos acontecimentos sociais que influenciam na experiência humana de continuar sendo, em diálogo com os casos clínicos acompanhados pela clínica Ser e Fazer, desenvolvida na Universidade de São Paulo.

## Referências

AIELLO-VAISBERG, T. M. J. Estilo Clínico ser e fazer: resposta crítico-propositiva a despersonalização e sofrimento social. **Boletim Acadêmico Paulista de Psicologia**, São Paulo, v. 37, n. 92, p. 41-62, jan. 2017. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/bapp/v37n92/v37n92a05.pdf>.

AIELLO-VAISBERG, T. M. J. Ser e fazer: interpretação e intervenção na clínica winnicottiana. **Psicologia USP**, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 95-128, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642003000100007>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psp/a/dFCMZfD9fTZg5MYBYHN7Bbd/?lang=pt>.

BRITO, R. F.; VANZIN, T.; ULBRICHT, V. Reflexões sobre o conceito de criatividade: sua relação com a biologia do conhecer. **Ciênc. Cogn.**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 204-213, nov. 2009. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1806-58212009000300017&script=sci\\_abstract&lng=pt](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1806-58212009000300017&script=sci_abstract&lng=pt).

FREUD, Sigmund. **Projeto para uma psicologia científica**. 1950 [1895]. Disponível em: <http://www.freudonline.com.br/livros/volume-01/vol-i-16-projeto-para-uma-psicologia-cientifica-1950-1895>.

LOPARIC, Z. Winnicott clínico. **Natureza humana**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 1-26, 2010. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-24302010000200008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302010000200008&lng=pt&nrm=iso).

PIRES, F. A. R. **Criatividade no processo de amadurecimento em Winnicott**. São Paulo. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2010. Disponível em: <https://www.sapientia.pucsp.br/handle/handle/14988>.

SAFRA, G. A clínica em Winnicott. **Natureza humana**, v. 1, n. 1, p. 91-101, 1999. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-24301999000100006&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24301999000100006&lng=pt&tlng=pt).

SANTOS, E. S. Apontamentos sobre as angústias impensáveis em Winnicott. **Revista de Filosofia Aurora**, [S. l.], v. 23, n. 33, p. 475–492, Curitiba. 2011. DOI: <https://doi.org/10.7213/rfa.v23i33.1582>. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/aurora/article/view/1582>.

WINNICOTT, C. (Org.) **Explorações Psicanalíticas: D.W. Winnicott**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. São Paulo: Ubu Editora, 1971/2019.

WINNICOTT, D. W. Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. *In: O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Trad. Por Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre, Artmed, 1983. p. 79-97.

WINNICOTT, D. W. Os objetivos do tratamento psicanalítico (1962). *In: O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Trad. Por Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre, Artmed, 1983. p. 152-155.

WINNICOTT, D. W. **Tudo começa em casa**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.